

Lygia  
Fagundes  
Telles  
A Disciplina  
do Amor

Memória e Ficção

Nova edição revista pela autora

POSFÁCIO DE  
Noemi Jaffe

---

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1980, 2010 by Lygia Fagundes Telles

Grafia atualizada segundo o Acordo  
Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Raul Loureiro/ Claudia Warراك  
sobre detalhe de *Beleza Pura*,  
de Beatriz Milhazes, 2006, acrílica sobre tela,  
199,5 x 400,5 cm. Coleção particular.  
Reprodução de Isabella Matheus.

FOTO DA AUTORA

Adriana Vichi

PREPARAÇÃO

Cristina Yamazaki/ Todotipo Editorial

REVISÃO

Marise Leal  
Veridiana Maenaka

Os personagens e as situações desta obra  
são reais apenas no universo da ficção;  
não se referem a pessoas e fatos concretos,  
e sobre eles não emitem opinião.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Telles, Lygia Fagundes  
A Disciplina do Amor: Memória e Ficção / Lygia Fagundes  
Telles; posfácio de Noemí Jaffe. — São Paulo : Companhia  
das Letras, 2010.

ISBN 978-85-359-1431-3

1. Contos brasileiros I. Dimas, Antonio. II. Título

09-02177

CDD-869.93

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura brasileira 869.93

[2010]

Todos os direitos reservados à

EDITORIA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

# Sumário

Nota da Autora 9

A Disciplina do Amor 11

SOBRE LYGIA FAGUNDES TELLES E ESTE LIVRO

Posfácio — *Alguma Coisa Não Dita*,

Noemi Jaffe 205

Depoimento — *A Literatura Como um Ato de Amor*,

Ricardo Ramos 213

A Autora 217

# Sou um Gato

Ele fixaria em Deus aquele olhar verde-esmeralda com uma leve poeira de ouro no fundo. E não obedeceria porque gato não obedece. Quando a ordem coincide com sua vontade, ele atende mas sem a humildade do cachorro, o gato não é humilde, ele traz viva a memória da liberdade sem coleira. Despreza o poder porque despreza a servidão. Nem servo de Deus. Nem servo do Diabo.

Lembro agora daquela história que ouvi na infância e acreditei porque na infância a gente só acredita. Mais tarde, conhecendo melhor o gato é que descobri que jamais ele teria esse comportamento, questão de caráter. Dizia a história que Deus pediu água ao cachorro que lavou lindamente o copo e com sorrisos foi levá-lo ao Senhor. Pedido igual foi feito ao gato e o que ele fez? Escolheu um copo todo rachado, fez pipi dentro e dando gargalhadas entregou o copo na mão divina. Conheço bem o gato e sei que ele jamais se comportaria conforme aquela antiga história. O cachorro, sim, bem-humorado faria tudo o que fez ao passo que o gato ouviria a ordem divina mas continuaria calmamente deitado na sua

almofada, apenas olhando. Quando se cansasse de olhar, recolheria as patas no calor do peito assim como o chinês antigo recolhia as mãos nas mangas do quimono. Elegante. Calmo. E mergulharia no sono sem sonhos, gato sonha menos do que o cachorro que até dormindo parece mais com o homem. Outro ponto discutível: dando gargalhadas? Mas gato não dá gargalhadas, é o cachorro que ri abanando o rabo naquele jeito natural de manifestar alegria. Os meus cachorros — e tive tantos — chegavam mesmo a rolar de rir, a boca arreganhada até o último dente. O gato apenas sorri no ligeiro movimento de baixar as orelhas e apertar um pouco os olhos como se os ferisse a luz, esse o sorriso do gato. Secreto. E distante. Nem melhor nem pior do que o cachorro mas diferente. Fingido? Não, porque ele nem se dá ao trabalho de fingir. Preguiçoso, isso sim. Caviloso. Essa palavra saiu de moda mas deveria voltar porque não existe definição melhor para um felino. E para certas pessoas que falam pouco e olham muito. Cavilosidade sugere cuidado, afinal, cave é aquele recôncavo onde o vinho fica envelhecendo em silêncio, no escuro. Na cave o gato se esconde solitário, porque sabe do perigo das aproximações. Mas o cachorro, esse se revela e se expõe com inocência, Aqui estou!

# Tenho um Gato

Foi na juventude que conheci o gato bem de perto, quando me preparava para os vestibulares da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco.

Era noite. Eu estava na minha mesa na pequena sala do apartamento e lia em voz alta o romance *Iracema*, lia às vezes aos brados para espantar o sono. Então ouvi um ruído brusco de coisa algodoada que entrou pela janela e parou atrás da minha cadeira. Fiquei muda, sentindo o olhar daquela coisa se fixando em mim. Fui me voltando devagar, afetando a calma que estava longe de sentir e dei com um gato malhado, assim espetado nas quatro patas e que me encarava assustado. Eu também assustada. Devagar, aos poucos fomos nos recuperando mas ainda tensos. O modesto apartamento era no primeiro andar de um pequeno prédio cercado pelo casario. A janela da sala dava para o telhado de uma casa velhíssima por onde transitavam os gatos do bairro.

Por onde andam hoje os gatos? Naquele tempo havia gato à beça nos telhados, nos muros. “É que a vida apertou e gato dá um bom cozido”, explicou o jornaleiro. A fome aumentou

e o telhado diminuiu, onde estão aqueles espaçosos telhados nos quais eles ficavam tomando sol, caçando passarinho e amando? Os ratos em plena circulação mas e os gatos?!

Pois aquele que entrou de repente era um gato de telhado, as manchas amarelas e pretas no fundo branco do pelo curto. Um visitante da noite? Estendi a mão para acariciá-lo mas cabeça de gato não é cabeça de cachorro — primeira lição que ele deu ao recuar com uma soberba que me espantou. A conquista do gato é difícil, embrulhada, não tem isso de amor repentino: mais um movimento de aproximação e ele fugiria ventando.

Antes de sair a minha mãe tinha deixado na cozinha um copo de leite com açúcar. Em silêncio, calmamente, fui buscar o leite, despejei-o numa tigela e deixei-a diante do gato. Voltei para minha cadeira para continuar lendo o romance antigo e agora em voz baixa, ele devia preferir o silêncio. Ele ou ela? Sexo de gato não é assim tão nítido como sexo de cachorro, leva um tempo para a descoberta do sexo e da idade. Gato ou gata vai se chamar Iracema, resolvi. E voltei a atenção para o livro, A casa é sua, avisei. Então ouvi aquele ruído delicado, ele afundara o focinho na tigela e bebia o leite mas não como os cachorros bebem, com sofreguidão, espirrando as gotas em redor: o gato é discreto. Há que amá-lo discretamente, pensei e fiquei sorrindo. Tenho um gato.

“Tudo passa sobre a Terra!” estava escrito no romance que achei triste. Olhei para a outra Iracema que já fazia em silêncio a sua delicada toalete. Apanhei uma almofada e deixei-a assim próxima, Também você vai passar, Iracema?! perguntei em voz baixa. Não sabia ainda que ela permaneceria infinita na memória da minha finitude.